

THE RED BADGE OF COURAGE / 1951

(Sob a Bandeira da Coragem)

um filme de John Huston

Realização: John Huston / **Argumento:** John Huston, segundo a adaptação de Albert Band da novela de Stephen Crane / **Fotografia:** Harold Rosson / **Música:** Bronislau Krper / **Montagem:** Ben Lewis / **Interpretação:** Aynie Murphy (o jovem), Bill Mauldin, John Dierkes, Royal Dano, Arthur Hunnicutt, Tim Durant, Douglas Dick, Robert Easton Burke, Andy Devine / Narrador: James Whitmore.

Produção: Gottfried Reinhardt para a M.G.M. / **Cópia:** 16mm, preto e branco, legendada eletronicamente em português, 69 minutos / **Estreia Mundial:** 8 de Agosto de 1951 / **Estrela em Portugal:** Capitólio, em 17 de Junho de 1952.

The Red Badge of Courage é um daqueles filmes cuja fama lhe vem mais de factores exteriores. Ele integra o panteão dos "mutilados" célebres, tendo entre os seus pares títulos lendários como **Greed**, **The Magnificent Ambersons**, **An American Romance** e, do lado de cá do Atlântico, **Lola Montès**. A lista é extensa e inclui também **Que Viva México!** que Eisenstein quis fazer no México com capitais americanos. Como aqueles também o filme de John Huston "marchou" (mal) no circuito comercial à custa de próteses colocadas de forma mais ou menos apressada, mas as suas próprias deficiências denunciavam a força vital de que estavam possuídos. Num livro famoso, "Picture", Lillian Ross descreveu todos os incidentes à volta da produção de **The Red Badge...** Todas as intrigas, ataques e contra-ataques dos responsáveis poderiam, segundo declarou um crítico, ter servido de argumento a um dos melhores filmes de John Huston, e ser uma achega poderosa para o tema do fracasso que geralmente se atribui, nem sempre de forma correcta, ao realizador. No ano anterior Huston trabalhara, pela primeira vez, para a M.G.M. O que levou um realizador considerado inconformista para a mais conservadora das companhias produtoras, para além da conjuntura do momento (os estúdios viviam os últimos dias da "golden age", realizadores e produtores mantinham agora uma relativa independência), terá sido a personalidade do jovem chefe de produção Dore Schary, cujas ideias o faziam ter permanentes conflitos com o grande "mogul" Louis B. Mayer. Mayer detestava os filmes de Huston tendo afirmado sobre **The Asphalt Jungle** (o primeiro filme de Huston para a M.G.M.), e apesar do sucesso que constituiu, que o filme estava "full of nasty, ugly people doing nasty things. I wouldn't walk across the room to see a thing like that". Em, 1951 Schary incluiu na produção a novela de Stephen Crane "The Red Badge of Courage". Imediatamente Mayer vetou o projecto. **The Red Badge...** não era, para ele, o que se chamaria um tema ideal para a companhia, estava "full of blood and killing, has got no laughs, no songs, no entertainment value". Em resumo, era o oposto do filme para a família em que a M.G.M. se especializara, e, quanto à Guerra Civil, para além de ser um tema um pouco ingrato ainda dois anos antes fora abordada em forma de comédia, com o cómico de serviço Red Skelton, em **A Southern Yankee (O Vira-Casacas)**, nova versão do clássico **The General** de Buster Keaton. Schary insiste na adaptação que entrega a Huston. Em desespero de causa Mayer apelou para o apoio de Schenck, que o não fez. Outros incidentes agudizaram o conflito entre os três homens que levaram à saída de Mayer da M.G.M. no verão de 1951.

The Red Badge of Courage teve, por parte do público nas "previews", uma recepção desastrosa. E o filme, que era uma produção A acabou por ser retirado e remontado. A direcção da M.G.M. impôs cortes que reduziram um terço da duração original ficando limitado aos 69 minutos actuais, para integrá-lo nos programas duplos. Gottfried Reinhardt, produtor do filme (a experiência foi tão frustrante que nesse mesmo ano voltaria à realização) resolveu acrescentar um comentário para esclarecer melhor o desenvolvimento do filme. O comentário foi retirado quase integralmente da novela de

Stephen Crane e dito por James Whitmore (um dos membros da quadrilha de **The Asphalt Jungle**). Apesar da boa recepção crítica, o público continuou arredado de **The Red Badge of Courage**. Não custa compreender a razão, o que justifica (numa óptica comercial) a atitude de Mayer: do filme de Huston está ausente qualquer intriga sentimental e é, apesar das sequências das batalhas, um filme anti-espectacular por excelência. Para um público moldado num cinema romântico o filme de Huston era a antítese do clássico filme de evasão da Metro. Talvez melhor sorte lhe estivesse reservada se tivesse saído sob outro logótipo. O público esperava, logicamente, a epopeia, o "tearjerk" ou o musical.

Estes "fragmentos" do filme original acabam, no fim de contas, por lhe dar um tom mais marcadamente documental do que à partida estaria previsto, embora se sinta que esse era o projecto de Huston. **The Red Badge...** não é um filme sobre o heroísmo ou a cobardia, é antes sobre o medo do soldado pela primeira vez no campo de batalha. Nem a novela de Crane nem o filme de Huston se preocupam em analisar o fenómeno ou tecer à sua volta uma série de especulações, mas apenas em ilustrar as diversas fases da experiência, documentando os seus actos de forma seca. Isto não implica, bem pelo contrário, a ausência de lirismo, mas este não corresponde a um esteticismo rebuscado (nos antípodas das preocupações de Huston), surgindo antes, naturalmente, das próprias imagens, do seu desejo de realismo. Esta sensação de "real" que o filme provoca, e o seu aspecto documental (num ponto limite **The Red Badge...** poderia encarar-se como uma "reportagem" sobre a guerra da Secessão), não é causada por uma abusiva e excessiva "re-constituição" histórica, mas por um despojamento total. A "verdade" não surge da maior ou menor fidelidade de figurinos e figurantes. (Kipling, que como já referimos, era muito admirado por Huston, dizia a um jornalista que lhe perguntava como era capaz de compreender tão bem o legionário romano e o soldado britânico na Índia, que os soldados e o seu comportamento na batalha eram os mesmos em todas as idades da história). Huston inspirou-se nas famosas fotografias de Mathew Brady sobre a guerra civil americana, não procurando a sua mera reprodução mas antes recuperando esse elemento comum que nelas se encontram. Os soldados do filme de Huston têm o porte dos soldados de qualquer outra guerra e, todavia, raramente sentimos, como neste filme, a sensação de fidelidade. Esse tom documental, como já disse, não retira o lirismo à obra mutilada de Huston. Ele insinua-se de modo brilhante em todas as sequências que se intercalam entre os dois combates, seja de forma objectiva com a portentosa fotografia de Harold Rosson que nos dá a própria atmosfera das fotografias de Brady, e a beleza de um momento de tranquilidade que o soldado goza (a luz que se infiltra pelas árvores, o plano lírico do rio na sequência dos cantis), seja subjectiva: uma das coisas mais importantes deste filme fabuloso é a perspectiva da câmara de Huston, sempre ao nível do rosto do jovem soldado, o que dá um carácter íntimo ao que noutros filmes aparece como épico, as sequências das batalhas. Elas são vistas sempre à altura desse rosto e a profundidade de campo desempenha aqui um papel fundamental dado que provoca o esbatimento do colectivo (a batalha) no individual. O combate está sempre em fundo dominado frequentemente por um grande plano do rosto do soldado. Por uma vez esse lirismo corre o risco da retórica: o belíssimo plano em que Audie Murphy com a bandeira da União em posição vertical se apodera da bandeira dos confederados que, em plano horizontal e ondulando ao vento, parece homenagear o porta-bandeira sulista morto. Mas o plano é breve e duma beleza indiscutível.

O elenco é notável, na forma como se assume no seu anonimato (de nenhum dos participantes sabemos o nome) e a escolha de Huston para os dois principais papéis foi de mestre: dois ex-combatentes da segunda guerra mundial (Audie Murphy e Bill Mauldin) são as figuras mais indicadas, de facto, para nos darem o estado de tensão do homem antes e durante o combate. Audie Murphy (o soldado americano mais condecorado da guerra, o que lhe serviu de passaporte para Hollywood para uma carreira bastante curiosa de westerns B) é particularmente impressionante na sua aparente (e contraditória) impassibilidade e voltaria a trabalhar sob as ordens de Huston em **The Unforgiven**.

Talvez que, em tempo de restauração de filmes mutilados, alguém se lembre de procurar nos cofres da M.G.M. os trinta minutos e tal que faltam a **The Red Badge of Courage**. A qualidade do filme merece-o e impõe essa pesquisa.

Manuel Cintra Ferreira